Uma certa maneira de viver. primeiro poema de Maria Toscano

Sempre que uma guerra perco/
eu ergo a minha bandeira/
feita de luta e canseira/f
feita de espanto e arrogância/
feita de erro e de infância/
com um sabor à alegria /
mais o medo e a tristeza /
que trago dentro da esperança.

Em cada dia que vivo/
eu construo o meu destino/
em cada gesto que faço/
eu teço o meu pensamento/
num tempo de acordar lento/
em cada tempo em que nasço.

Porque este tempo e este espaço/
não é o canto da lareira
nem a hora do jantar:
é o tempo onde renasço
depois da morte-frieira
é o tempo de acordar.

Que a verdade há-de, um dia,
ser a porta da Alegria:
hoje é porta da aventura
enquanto a mentira dura.

Coimbra, Abril de 1975

https://youtu.be/C9WjRJocO20?si=Sxv7ZDEE-odR5k-G | https://youtu.be/iRddixejS3o?si=XUK3LMlEx6UFvWRM |

Cierta manera de vivir. primer poema de Maria Toscano. Abril del 1975, Coimbra

Siempre que una guerra pierdo/
yo ergo la bandera mía/
hecha de lucha y fatiga /
hecha de asombro y arrogancia /
hecha de errores y infancia /
con un sabor a la alegría /
más el miedo y la tristeza /
que llevo dentro de la esperanza. /

En cada día en el que vivo /
yo construyo mi destino /
en cada gesto que hago /
yo tejo mi pensamiento. /
en un tiempo de despertarse lento /
en cada mañana en que me nazco. /

Porque este tiempo y este espacio /
no es el rincón de la chimenea /
ni la hora de cenar /
es el lugar donde renazco /
después de la muerte friera /
es el tiempo de despertar /
es un tiempo lento lento /

Que la verdad va un día /
volverse puerta de la alegría: /
hoy es puerta de la aventura /
mientras la mentira dure /

[versión en castellano, por la autora, del original en portugués: Figueira da Foz, 25 diciembre / 2022]

https://youtu.be/Km_wtHefsrc?si=TljKYOnr7SU7fL7U

1997. ***do vagar e da memória*,** Palimage editores | https://mail.palimage.pt/index.php/colecoes/coleção-palavra-poema/do-vagar-e-da-memória-detail

CAFÉ TROPICAL

erguido
ferido
deixas a sala
desces olhos
aos silêncios do corpo
de névoa morena
sorri-te a boca
abre-se em beijo
teu dorso
serena
figura
prece de amar
esculpida
em muros de bronze
moreno poema
ungido
a começar
do perto tão longe
aceno meigo
teu andar:
contorno do verbo desejar.

1997. *do vagar e da memória*, p. 17 | https://youtu.be/Ce_JzhXsNv4?si=_8LRZbdlOcJJY6Fh

---

à boca da mesa

a escada sobe
– mas tu não vens
à entrada do café
teu odor me envolve
– mas tu não vens
e, debaixo da mesa,
enlaço as pernas
de solidão
– só que tu vens
e simulas meu corpo
com a tua mão

1997. *do vagar e da memória*, p. 18.

---

converso contigo.
no travesseiro
encosto meu ombro
– teu receio –
e nas mãos
poupo
rodeios
que anseio
meu pão.

1997. *do vagar e da memória*, p. 23.

---

não quero mais a flor nem a palavra
quero a raiz ou o silêncio da terra.

1997. *do vagar e da memória*, p. 40 | https://youtu.be/jjH5qu178r4?si=_QPhwWiEygiC21CF
https://youtube.com/shorts/m_ge60HBZNM?feature=share

---

caminhares-me até ao topo das serras
até ao lento leito de águas brancas.

1997. do vagar e da memória, p. 41. | https://youtu.be/7ZVrbH4_aSQ?si=rZpkFBE7cNDKf23T

olho o fora e vejo-lhe os dentros
eu, que sou ânsia,
disso me contento.
excelente estado
nobre momento
que perdura com o fluir do tempo.

1997. *do vagar e da memória*, p. 43.

---

que guardo mais
senão a tua paz:
nem presente
nem ausente
nem voraz.

1997. *do vagar e da memória*, p. 44.

1998a. ***as palavras contidas***, Editora Minerva de Coimbra | https://www.nobelbooksellers.com/libro/9789728318451/as-palavras-contidas

Crónica Lusitana [reformatação da estrutura e da pontuação das estrofes]

caminhei pela terra do sorriso
oferecendo meu peito varanda
siso da vida, da morte arcanja
caminhei pela vida com sentido
inventei mil cavalos sem batalhas
e as guerras grelei-as com algemas.
foram lutas cansadas de paz podre.
e germinei-me pelas preces prebendas.
caminhei.
ao norte fui peregrina.
fiz-me vela de veleiro marítimo
mar descoberto com sulcos de gritos
mar encoberto na cova da mão-nação.

caminhei.
num estuário fiz-me gente
num sardo guisado grelhado
fiz pescadora minha alma de poemas.
num galgo ao sul fui caçadora
da brisa e da água nascentes.
fui voz de coro-povo fui cantadora
e trigo de mágoa no ventre ardente.
depois trepei aos morros dos guerreiros
fiz pedreiras dessa árida subida:
curvei a estrada em veado em cerdo
e esperei a noite na ponte (linda) de Lima.
dormi serenada na praia branca
de salpicos entre o verde e o mar marcados.
andei andei e andei
andei errante
pelos matosinhos e porto lugares
vagueei no moliço derradeiro
e enterrei-me até aos joelhos salgados
espirrei do pó velho pioneiro
na cabra do saber sagrado
resguardado no cheiro coimbrinha
que enjoa
promessa de joelhos paguei e vivi
minha fé profana-pura
entre os pinhais do centro encontrei
memórias de amores e desventuras
assim
mais carcaça
mais senhora
engoliu-me a cidade soberana
que vemos vacilar no dia-a-dia
de quem regressa tarde tarde à cama
dedilhados nos bordados da voz

à guitarra
fiz voar pelas colinas fiz voar
e abriram-se-me meus olhos para os fados:
gingões menores solados
como quem sofre dores.
todos os dias
calcorreio
meu passado
e desabo num futuro que alicio
por meus antepassados.

1998a. *as palavras contidas*, p. 30-34 | https://www.youtube.com/watch?v=7gL2DbJjlIA

Litania do amor luso... [reformatação da estrutura e da pontuação das estrofes]

reconcilio-me com o mundo a multidão
com as pessoas:
as ingratas as irmãs.

reconcilio meu olhar com as pestanas,
as sobrancelhas descansadas amansadas
no contemplar das coisas todas que aqui estão.
reconcilio, depois, meus ombros lisos
com a aragem que passa. devagar.
nas ancas, abraço-me pelos joelhos
até às coxas oleadas pelo teu olhar
nos punhos — deslaçados de vigor —
provo a coragem
dos jogos de criança.
pelos cabelos soltos caracóis
prendo jóias de fantasia
e nos quadrantes
abraços que te contenta
ponho óleos, orientes inebriantes.
respiro a voz

constante voz de antigas oratórias.
lábios meus
entoados sibilos de deusas perfumadas.

não invejo. não cobiço.

sou terra virgem, algodão rosa, janela azul,
mares de silêncios brancos louros ramos em flor.
reparto, depois, meus cristais
pelas areias onde nos atordoámos.
não temo nenhum dos pontos cardeais
pois me reconcilio com o Outono e o Inverno
e debaixo de cada passo que esvoaço
fica um luar lilás e amarelo.

reconcilio-me com o vapor
da locomotiva
com o suor do camponês
de braço forte.

reconcilio-me com a tela, com a lamparina
do crente: singela fé singela.

reconcilio-me com a publicidade
com a memória enorme dos lusitanos.
reconcilio-me, dedo a dedo, com o passado
de guerra contra mouros e castellhanos.

e tantas esmeraldas escavadas por marinheiros imbecis
— hoje coroas de paz!

e quantas mulheres esventradas que não perdoo: ressoo
— mal-amadas.

reconcilio-me ainda com a tempestade
que fez do deserto negro um fogo em fome.
e também com a saudade — com a saudade! —
que habita prisoneiros de alma forte.
nas palmas das mãos pressinto as linhas
que cosem vestidos, cinderelas:
são de seda ou caxemira — e são lindas!
e são belezas que te decoram as janelas!
dádivas, prendas voláteis para o olhar
transbordam meus seios feitos lar
que aconchegas com gestos-resposteiros.

1998a. *as palavras contidas*, p. 40-43 | https://www.youtube.com/watch?v=0tqeNFOZSUk

---

Mulher

meus lábios são de cereja
ou mansidão
(dá-me a tua mão)

meus ombros são de coragem
e de ternura
(ainda dura)

meus dorsos são de espuma
e vento breve
(sem sombra leve)

meus seios são deste enleio
que não desfeio
— e não desfeio

meus braços são teus abraços
e são teus passos
(que não desfaço)

meus campos também de ciúme
e beijo meigo
(num amor leigo)

meu corpo é deste neve
que arde e cura
minha abertura.

1998a. as palavras contidas, p. 52 | https://youtu.be/2GC_0PdI69k?si=cW4lpiJaTE1vytwv
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 15

1998b. ***Para além das coisas,*** Palimage editores |
https://www.palimage.pt/index.php/colecoes/coleção-palavra-poema/para-além-das-coisas-detail

degelos do profeta [reformatação da estrutura e da pontuação das estrofes]

comecei por ser de aço inoxidável
encarquilhada em mentiras
por alicates de pontas retorcidas.

comecei sendo matéria bruta e surda
e muda de anseios e fantasias.

vieram degelos do profeta
espraiei-me sobre rochas carcomidas
de mim mesma.
fiquei poeira

leves brisas
suaves pólens de coisas esvaídas
a cor do céu retocou-me as quinas
de arco-íris jubilantes,
parafina de seda, asas de luzes,
borbotos de fontes, águas cristalinas
me enlevaram e elevaram em vapores de vulcões
febres antigas.
passou o milénio dos centuriões.
seguiu-se o milénio das cruzadas
e outros mil tempos de fés desesperadas.
recobrei-me nos génios italianos
pela mão de um Da Vinci ganhei alma
em meu corpo perfeito de sentidos.
mãos calosas de descobridores me levaram além terra conhecida
cruzei-me com os demónios dos mares
misturei-me com algemas especiarias
fui luxúria em sedas garridas
fui corpo de criados e sultões
gemi, gememos maravilhas
que ainda hoje brilham em rostos sequiosos de almas perdidas.
do caroço de certezas tão-só a marca
um filete fino entre os seios que teus dedos demoram
a sossegar a alindar e esquecer
rodeios.
sou o barulhar das águas!
da contra-corrente ordeno a fúria.
sou o nascente e o entardecente calor dos corpos.
sou fogueira entre os pinhais negros de ardidos.
sou o luar a meio do breu — sou o luar!
e a lua opulenta do desejar.
sou imensa toda inteira
e sou o mar
— desde que me reconciliei com o dar

e contigo nasço
em cada mortal, agoniante espasmo de teu veio
ondear.

1998b. *Para além das coisas.* pp. 7-8 |

Verão

silencioso
ocioso
cioso
arrastado
de ombreira em ombreira

vicioso
esbofeteia a cal branca
de pele morena preguiçosa

languidez das pernas
secar braços ao vento
o sufoco língua de cães

silencioso
senhor dos corpos saciados
guarda segredos dos nossos
demorados

1998b. Para além das coisas, p. 14 | https://youtu.be/5nvnyu9zdo8?si=Vpykh0km_kkvQC9M
https://www.palimage.pt/index.php/colecoes/coleção-palavra-poema/para-além-das-coisas-detail
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 17

terra [reformatação da estrutura e da pontuação das estrofes]

onde passos se animam.
onde se enraízam histórias.

onde, de sangue, germinam
vozes rebelião memórias.
férreas âncoras fundas
machados pacientes do corpo-utensílio feito à mão.

onde a certeza se forma. onde a raiz é a força.
onde a rara flor aflora por muralhas impossíveis
as da terra solidária abraçada no suor.
ciclos. retorno. voltar
entre ocres verdes de cor, estátuas de sóis e de noites
retocadas no sabor do gerar terra habitada.
onde passos se animam e a alma se perturba
onde a calma. onde a calma e o torpor.

certeza de águas feita leito.

a agenda dos dias está no peito, nasce do coração do vento
cresce a chuva da esperança adivinha do bom tempo.

onde passos se enraízam. se plantam os pés e os ventres
do pão — pão da fartura, da paz: jarras de paz,
à mesa, com flores de cores dementes.
onde, ao longe, só os lenços
negros, morenos braços
e cantilenas a espaços entoadas com silêncios
cigarras como compassos e galgos quase sem pêlo.
onde saias ceifam campos e solidões alentadas.
onde os girassóis restolho
piorno de noites alvas na companha[1] requentadas.
onde papoilas em fúria de colorir o seco
palmilham montes.
lamúrias de realejos de relógios matinais,
cascos de mulas e machos desembestados com a aurora
grilos ou ralos nocturnos com que vos despertais.
onde passos se animam, se enraízam estórias
caçadas a gambozinos, lutas de classes vitórias
olivais de história viva, chaparros sombras de glória

[1] "companhia" – na dicção da oralidade alentejana da raia (região de Campo Maior).

térreos páteos coloridos, paletas de vasos barros
sacadas, ferros fundidos forjados em tempos idos
de eufémias e bandarilhas
vermelhas, punhos erguidos.

onde hoje também a fome se consola vos consome.

onde o canto ao desafio, quadras versadas puras
nas esquinas esvaídas em acordes, pandeiretas
chapadas de forno, estio, bancos esperando a frescura
no bunho pelas soleiras das portas entreabertas
sopas açordas ou migas de conduto acondutado
convidam o forasteiro a abrir panos de riscas
fim de tarde soalheiro.
mas onde o corpo é mais terra e a terra é mais pessoa,
onde o colorir do seco a alma nos perturba,
onde de sangue germinam férreas âncoras fundas,
só na voz cantarolada nas melodias orais,
só nos contornos certeiros de janelas e umbrais:
gentes senhoras do tempo
branco, branco inquietante, mar de oiro cegante
que o longe estende mais.

1998b. *Para além das coisas.* pp. 7-8 | https://youtu.be/2Bp9v_7BZI4?si=s0NlK1SwvH9nEmFm

---

1999. ***a Utopia da Coragem*.** Palimage editores |
https://www.palimage.pt/index.php/colecoes/coleção-palavra-poema/a-utopia-da-coragem-detail

A Utopia da Coragem [reformatação da estrutura e da pontuação das estrofes]

Ao José

ficar assim num fim de tarde tarde
repousado... desaguado... chá de jasmim
empiriquitada em bicos do olhar que arde
amparada por molhos de mãos rugosas
que gemi no mais dentro que há em mim.
asas de papagaio, cordéis de tranças
bonecos dos trapos-remendos que militas,

molhos de mãos, utopia, olhos crianças
boémias fumaradas, olhos-lanças.
cada folha-mão feita asas empertigada
no medo do centro do mundo, vi.
o vento não existe nem madrugada
é essa avalanche do peito infame,
nem o tempo se cansa nem se invade
de desperdícios dos desperdícios do aqui.
trovoadas de uma vez por estalar
encobres nesse passo mentiroso,
bátegas que não caem por pudor
— mesmas cantilenas em que cresci... —
adias a pessoa em cada pulsar
do centro inscrito, mural do amor,
e sonhas em chegar, ficar e estar
apenas ficar e estar contigo, aqui.
ficar assim num fim de tarde tarde
repousado, desaguado, chá de jasmim,
pousado em miradas do olhar que arde
amparado por uma mãos algo ciosas
e livre de acolher e de entregar
a entrega da tarde terna que há em ti.
ficar e estar contigo assim, aqui
— quiçá loucura, demência, fixação' —
(riam-se os cucos de madeira na parede!)
é de outras aves que as horas se semeiam!
é de outras asas que se ilumina o pão
centeio, calosas mãos rugosas
líquidas! alucinante jasmim!
(o arco-íris volta e te volteia no astro inocente que não ondeia:
esse que arde no teu ficar sem estar aqui.)
é de flancos e peitos desabotoados
é de brancas rubras bandeiras e de bordados
que se cira a Utopia da coragem!

se nem no espelho assoma a miragem,
não há mão que te valha, vela que arda,
não há nem haverá novas paragens!
e o bolor, carcomido, te rói e cata
a utopia, as mãos de olhos e o jasmim!

1999. *a Utopia da Coragem*. pp. 11-12 |
https://youtu.be/o957erJiPcE?si=rW_5l6tXFmQO2WlX | https://youtu.be/lK-2h4lRb7E|

---

a hora sem horários

"É hora de trabalhar, de trabalhar!"

e meus ponteiros, sentados na esplanada,
saboreiam sumo de laranjas
e mandam vir mais uma limonada.
três quartos de tempo mais tarde
os mesmos ponteiros se recostam
e, estalidos dois dedos,
num chá de jasmim se recortam,
me recortam a paz de espírito da ciência
e me embriagam de vital demência
— subsisto, tão-somente serenada
  porque a sabedoria antiquada
  me infiltrou as mãos de raízes.
nesta hora do trabalho na cadeira
sei apenas de um telheiro, de uma eira
de um convento de doces abençoados
do malhar n9o cereal, ou da figueira
que desponta em roxo ou verde
combinados.
nesta hora do trabalho arrumadinho
pássaros ameaçam o espantalho
de palha e do avental vermelho
que bordara uma avó que eu vivi.
nesta hora dos ponteiros desacertados

conserto o chá com a eira e a cadeira
dou corda aos braços, vindima inteira,
retoco as bicadas dos espantados
recordo a cor da terra parideira
de verdes, amarelos e encarnados
— poemas de aconchego e de agasalho.
nesta hora funcionária da vidinha
eu própria, enfim, me sento ao sol soberbo:
de meus ponteiros certos sou companhia.
com sulcos de enxada e regadios,
com tempos de esperar o semeado,
recosto-me na esplanada da vida,
convido os infelizes desacertados,
mordo um pastel de nata sem naftalina
debico um pão com queijo sem coalhos
sacio a sede com o quente e o frio
sonho co9m tua mão de campo e lira
e invento, inteira, a hora sem horários.

1999. *a Utopia da Coragem*. pp. 13-14 | https://youtu.be/p43OK9Thtqc?si=mCU4G5sDvULE1pVV

---

marema

Chama-se auréola dos dias.

chama-se o oculto dos livros,
marema do poema do mar,
azuis que habitam a cor da noite,
luares rasgados pelo olhar,
membranas do desejo acontecido,
ramas de amarelo do mistério,
esgares do vento pelo poema,
janelas barradas de memórias,
candeias de odores entontecidos,
passos de areia, de pinhais,
laranjas com casca da verdade,
mãos roxas de água de tanques,
cadernitos de palavras amansadas,
marema do poema. do mar.
vermelhos dos finais e dos começos,
terra humedecida a cheirar,
leites de nados queridos,

sinetas da páscoa pelos caminhos,
copas de troncos a fermentar,
rodas de braços enternecidos
no verniz das rodas do virar,
meneios de olhar com os sentidos,
modos do saber sem se olhar,
proezas de núpcias virginais,
algas de marinheiros vindos,
ponteiros do coração a acenar.

Chama-se auréola dos dias.
sereno e silencioso respirar,

asas do veludo e do linho

da voz a semente o aflorar
marema. do poema do mar.

1999. a Utopia da Coragem, pp. 36-37 | https://youtu.be/fiBHdfeDdUA?si=oRb94fcpzT1Rx4Tm
2019. Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 19

2002a, ***a madre da casa da avó*** / 2002b ***os nomes infinitos do ser,*** Pé-de-página editores | https://books.google.pt/books/about/Os_nomes_infinitos_do_ser.html?id=lo4VAQAAMAAJ&redir_esc=y

a *madre*[2] da casa da avó

havia um rasto de oliveiras

no manto estonteante

campo aberto

jorrado torrado a eito

forro de cortiça e azeitonas

padrão de oiros

campo pão

esbugalhado nos olhos

de bestas, mulas morenas

lentas.

cheiro a chão.

campo maior

do pão.

partiam-nos talhadas de sabor

[2] trave mestra, pau robusto e redondo (de cor variável: castanho, preto, vermelho, azul, amarelo...) que segura e suporta os paus, redondos (da mesma cor) que, perpendicularmente, cobrem e decoram os tectos das casas alentejanas, desenhando uma trama como se de uma espinha ou uma árvore robusta se tratasse.

ternuras doces verdes e vermelhas
que secavam no papel pelo ano

à madre da casa da avó
agarram-se as coisas da memória:
dizer-te desse cheiro que havia
um rasto de oliveiras
e restolho
manto
estonteante manto
campo jorrado, torrado a eito
forro de cortiças e papoilas
pão esbugalhado nos punhos
de bestas
mulos à jorna
cheiro a fome do pão.
e a madre
castanha
suspira
eterna
impotente
pelos choros que não mais
— febres de incansável
pouca idade
birras de sestas enganadas
a inventar monstros
príncipes
rostos
formas aflitas nas gretas da parede
branco eterno, antigo
resguardado do abismo
pela madre.
castanho muito.

madeira da memória dessa casa.

à mesa
partiam-nos talhadas
barcas guardadoras da magia
da família
ternuras doces
vermelhas, verdes
sementes secas
na varanda ou no sobrado
que apuravam no papel
ano adentro
até à hora de provar
a melancia
brinde da escola certinha
(lindas meninas!)
merecida
— Estado Novo
meninas lindas —

na madre da casa da avó
vejo:
o penteador pelos ombros
a mão certa
no enrolar do rolo
o invisível gancho habilidoso
outro e outro e outro
e a travessa
castanha
soberana

estavas no quintal
sentada
banquinho baixo

as brancas, soltas, roçavam
as pontas do avental
e, à volta, um rodopio
de palavras
que amestrava o nosso
aprender a casa
lida
dia a dia
milagres, sabores
tachos ao lume
milagres de milagres
embebedados
embebedando, o vinagre
e o alho, de carnes
de estrugido com coentros
ou sopas.
ovo escalfado.
mãos
descascar favas
ervilhinhas
estalinhos linhos linhos
rebuliço, no alguidar,
das bolinhas
lavar
lavar, ar

milagres, sabores
pão esbugalhando olhos
na madre da casa da avó
memórias
talhadas
de campo aberto
talhadas, infância, acontecidas.

[Setúbal, Janeiro / 1994]

a praça das palavras 1.

sabendo que magoa, não renunciamos.

chamam-lhe persistência, força,
garra — cegueira branca alimentada de evasivas, suspensões,
ilusões caídas, sonhos altos e nobres, afectos e emoções
reconvertidos.
sabemos que magoa — mas engrandece.
sabemos que é cegueira — mas ilumina.
sabemos; ser não destino — e, sabendo, não renunciamos.
cegueira branca. ecos dos passos dos outros no passeio
comentários que ficam p'ra trás dos sonhos; braços
que não alcançam os ombros diluídos pela espera

é assim quando não vens.

soberana do varandim, dos terraços e mesas: Tudo,
Todo o Isto me pertence.
alongo o olhar sobre a pequena praça.
e a pequena praça se me submete; acolhe-se, resguarda-
-se no brilho de ausência que me arredonda o olhar.

pouco a pouco os comerciantes fecham a casa; as lojas
envergonham-se: fica um rubor mínimo de dentro
a revelar-lhe as entranhas a quem passe.
apressados descem até. e múltiplos são
os caminhos: subir até à frontaria da igreja ou do banco
estatal. atravessar a rua de mais lojas, desencontrando
os passos, para lá, dos passos que nos cruzam,
para cá;

subir o antigo trilho
do eléctrico e meter-se ruinhas acima até à Alta; parar
na paragem
e esperar, Parado, o autocarro para Casa;
ou descer pelas estreitinhas ruelas. Ou Voltar Atrás.
voltar até à igreja, voltar até à pequena
praça.
e Contemplar.
até Contemplar.
e ouvir os socalcos do peito a pedir
ar. e bater com a mão no peito sem piedade — reconheces
a forma: mais inteira e arfada era
Ali
quando as tuas mãos navegavam nas areias do sentido desejado.
Reconheces
até
a forma. Lembras a forma
a concha, o perfume, odor
de tanto Silêncio preenchido e até calado.

!não, nós não! nós não gastámos As Palavras!
faltou-nos, talvez, a saliva, o sal, o cuspo — até o
cuspo que nos lambuza, doce, nos faltou.
e As Palavras.
(não sabia dessa sem-vida de gente sem Palavras;
até te conhecer.)
não falo do falar. falo
da Fala, dos nomes da seiva e da oração perfeita
coincidência tremenda dos pensamentos
ideias, desejos. As Palavras: ditas, escritas
imaginadas — que nos faltaram.

E que ainda me faltam a mim.

por isso
Hoje
os acostumados visitantes
da cidade e os clientes, fiéis, deste café estão, para mim,
Mudos.
Mudos os pombos no lago e nos telhais.
Mudas as birras das crianças pelo balão amarelo.
Mudos os piropos do rapaz à rapariga do decote encarnado.
Mudas as pedras deste terraço,
as cadeiras pós-modernas
os jornais com caixilho de madeira.
Mudos os pregões das castanhas. Mudas
as bandejas que caiem num silencioso estrondo e estilhaçam até duas chávenas de café em silêncio.
Mudos os cantos dos viandantes e dos ceguinhos. Mudos os cães, e até as galinhas
de habilidades para a esmola.
Mudos os silêncios todos
— porque, Hoje, Aqui, me faltam as palavras.

depois, vieste.
por certo ouviste o meu chamamento, o meu anjo
— brasileiro ou hindu, ou — a invocar teu chegar:
vieste no teu adiar a minha companhia,
teu adiar as; tua fala sem; Palavras.
mesmo assim, vieste belo e poisaste-te no meu encanto.
eu Falei — tu fechaste a Fala.
outro tema recomeçou:
a imagem, a BD, lutas deslutas pela coragem
revoltas revoltas sem palavras
e o encanto crescia até mesmo sem As Tais:
sorrisos traidores, esgares incertos, contidos sentidos
— meu pulsar estremecia o solo da terra até às Arábias:
o trânsito parou.

os transeuntes assustaram-se
mirando os astros; só as crianças corriam
mais alegres, embaladas pelo vento,
ventos-meus-sentidos se levantavam.
Bandos de aves verdes fizeram um cupido de asas
desenhando, esvoaçando, Falando
de meu certo encantamento.
os sinos desordenaram os quartos de horas
e o Silêncio
vestiu o sobretudo, pôs o chapéu de feltro
amparou-se na bengala e, ao primeiro passo,
o chão buliu uma última vez para se abrir em algas verdes e roxas
e, mansamente, em mar.
Tudo se evadiu da Mudez e As Palavras
— afinal Presentes, sempre Presentes —
começaram a borbulhar na espuma das marés.
Preguiçosas, bocejando primeiro,
arrastando o despertar, As Palavras acordavam
mais viçosas, renascidas. afinal,
As Palavras (sempre Presentes) estavam somente
adormecidas. piscavam os olhos
entre si
de cumplicidades; saltitavam em roda de mãos dadas;
cantavam brincadeiras de incensos e de brumas e
chegavam, iam chegando
cada vez mais intensas e mais Palavras.
ergueram — duas — meus lábios até esses;
outras duas uniram tuas mãos às minhas;
outras tantas acertaram-nos o passo
e outras mais batiam flores de alegria.
enquanto subíamos as escadinhas um molho
de mais Palavras nos aliviou
dos livros, dos medos e casacos. Foi à Esquina
Alta desta Cidade que nos Entregaram um ao outro e, Ambos-Um,

ao Silêncio
desde então povoado pelas Palavras.
Despertando do torpor, nossos sentidos
ao parapeito se debruçaram sobre a praça:
as marés enrolaram-se, enovelando as algas
nosso amor
nas profundezas do Algo.
do resto não conto — magia que se
pode quebrar.
apenas que
de cada vez que desço à pequena
praça
oiço esse Silêncio de quem passa
e, lá em baixo, enternecidas,
Falam-me as algas e acenam-me As Palavras.
Nada lhes digo já.
pisco um dos olhos;
imensa, sorrio para o céu
e guardo, mansinha, a tua mão.

[Coimbra, Café Santa Cruz, 30 Out 1998]

2002a, *a madre da casa da avó*, pp. 31-37 |

---

a praça das palavras 2.

sem remorsos e sem freios nos sentidos
revisito a praça, dita, das palavras.

os pombos não arrulham acolhidos
tanta a habituação a humanos.
e onde plátanos serenos eu queria
borbotam, agora, velas para Natal.

não da memória.
de plena fantasia
reescrevo este indiscreto recanto:
serenos plátanos seriam

bancos de ripas
acomodando atempados passantes
crostas, aqui e ali, de pedra alguma
alojada num tapete amarelado
e instável de brisas esvoaçadas.
folhas, folhas de tronco querido
folhas ilesas, suspensas, serenadas
pelo sino ecoante da ermida
— ressoam passos lá dentro
pelos claustros.
sem remorsos
sem freios.
com sentidos.
revisito a fantasia dessa praça.

além, um lírio persiste; escora-se
(amor-quase-perfeito esse fora
ileso; sem bem-querer maculado).
um cão e uma rola adormecidos
enroscam o Silêncio ao peito
puros de telemóveis e de silvos.

ah! e há meninas e meninos
meninos, meninas e avós
devagarosamente cuidadosos
dessas cabriolas destemidas
hoje na rua, ontem no berço,
além onde: resiste; o lírio perfeito.

Plátanos serenos seriam
e balanceados jogos a preceito
— salto à corda, arco, cinco pedrinhas
e o agarra — no átrio da ermidinha.
as copas de velhinhos esperando;

aqui e ali; um xaile preto haveria
aconchego da sombridão,
rumo da viela-saudade.
um homem bêbedo no riso,
outro homem viúvo do siso,
três saias que vêm de braço dado
revolteadas num fresco alarido
de quem doma o tempo do destino.
sem remorsos
sem freios
sem ameias
com os sentidos pelos plátanos fundidos
revisito a praça, dita, das palavras
fantasias de almas perenes
serenos lírios-quase-perfeitos

plátanos
outros sentidos ungidos
a preceito.

[Coimbra, 26 Out 1999]

2002a, a madre da casa da avó, pp. 53-55 |

---

tese

Encadeaste as letras em silêncio
em silêncio foste enchendo os cadernos,
os dossiers, folhas de ódio-labor
encadeadas nesse silêncio a sós.
Cortar fontes aqui; rasurar ali;
agoniavas em cada citação citada,
coalhavas a ironia criativa
e a orgia da inovação se adiava.
Encadeaste os outros ditos algures,
os outros citados noutras citações
— a cadeado fechavas em nenhures

as sílabas-fontes do verbo da emoção.

Encadeadamente, a Academia
aceitou e votou o teu labor.
Fez-se Silêncio da tua agonia:
fez-se o Silêncio prenho do vigor
que é defender a Tese do Dia-A-Dia.

[15 Jul 1999]

2002a, a madre da casa da avó, p. 47|

é intensa esta palavra
que não sai

2002 b. os Nomes Infinitos do Ser, p. 11 |

---

fazer as malas
dobrar virados colarinhos
resguardar poupar as dobras da paixão

guardar combater abafar
abafar os punhos
não o coração.

2002 b. *os Nomes Infinitos do Ser*, p. 39 |

2002c. ***Portugalito***, Palimage editores
https://www.palimage.pt/index.php/colecoes/coleção-palavra-poema/portugalito-detail

o glorioso

pai de lar, que se esmere,
vibra com o futebol,
a *bejeca* ou o *tintol*
linguiças ou amendoins
domam os fígados ruins
quando os pés inimigos
bloqueiam o avançado
"GOOOOOLOOOOO!" num só brado.

pai de lar, que se esmere,
mete uma outra rodada
mantém a fé ancorada
no cachecol e no gorro:
— “Fóró’áráárbitro!!! Cachorrooo!!!”
— “Desampara-me a looooja!!!”
Berra, em contra-torcida,
ou prá prole mantida.

pai de lar, que se esmere,
tem bilhete associado
ou o sofá reservado
à hora da função;
solteirinho ou já não
— noivado, amantizado —
se ganha o desafio
incha de honra e de brio
e é o maior com o glorioso
seu: o bigode poderoso!

2002c. *Portugalito*, pp. 21-22 | https://youtube.com/shorts/zmX2lvypckM |

Bodas pasteurizadas

pôr na mesa frascos por abrir
castelos de vingança embaciados
pires do desejo desajeitado
e os flocos do medo do porvir.

a xícara da lista dourada
de incertezas perversas e azedas,
mais o néctar de ódios e impurezas
transbordando, do bule, em golfadas.

põem-se à mesa taças para a espera;
branco é o néctar pelos dedos adiados,

sorvos do tédio pasteurizado

iogurtes da esperança da quimera.
põe-se à mesa o pão pelo amor torrado:
amor no tédio-a-tédio esboroado.

2002c. *Portugalito*, p. 28 | https://youtu.be/fMmjpJwuuPo?si=0hSYFmqRIoWd7qjG

---

outro polido galo nacional

és perfeito.
da curva escanhoada à gola alta.

no ângulo de piano no gesto
nos 2 botões — do lado — desabotoados
esquerda onde sentas o blusão,
na pele pura calçada
aos ombros
unha roída.
discreto ressumbro
da doencinha em menino.
no cruzar nos abertos
disfarces do umbigo
perfeito assunto
assento certo
colo desperto
na ruga que arrastas em sorriso
e noutras, belíssimas, de essência

és perfeito.
na branca única inegável
corte de homem perfeito
na visão que abarca e fica
homem perfeito dentro criança
e na insidiosa insegurança

do seguro tocar
rodar no dedo
a aliança.

2002c. *Portugalito*, pp. 29-30 |

a casa portuguesa (2.ª ed. revista e actualizada)

numa casa portuguesa
ficam bem
janelas azul-turquesa
uma entrada bem burguesa
que, convém,
tenha especial belez
fica bem essa riqueza
que lhe vem
do mármore, da escadaria,
das colunas de nobreza
cobiça das redondezas
que a invejam noite e dia:

à porta um cão raivoso
em porcelana ou de pedra;
um alpendre, majestoso,
onde a trepadeira medra;
um leão desafiador
bem cimeiro ao gradeado;
o santinho protector
no azulejo à mão pintado
dão-lhe o toque de proeza
e a certeza
que é uma casa nova-rica
à portuguesa.

2002c. *Portugalito*, p. 42 |

as pousadas

pousadas

no calor no estio
no pesado manto agostino
entre verdes ou areias
recortadas
pousadas sós
ou acompanhadas
repousos de esforços
e caminhadas
enleios de luas
enamoradas
pousadas.
cristalinas, de mármore
ou dengosas
amplas, estiraçadas,
preguiçosas,
recobradas ao sol
ou virilosas
nas lonas, urbanas,
com sais, a meias,
rurais, plebeias
em gangas,
majestosas
onde os francos flancos da argila humana
adoçam o sal
perfilam rosas
pétalas ternas
as duas
— quando pousadas —
as duas pernas.

2002c. Portugalito, pp. 51-52 | https://youtube.com/shorts/ml1l7htzlUM?feature=share | https://youtu.be/6UdXN2wCTLs?si=DokbMzBYWowyvAq9 |
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... , p. 29

2003. ***A Artesã do Desengano***, Grácio Editor | https://livraria.ruigracio.com/produto/a-artesa-do-desengano-e-book/

lava viva, liberdade

pelas asas do mensageiro vieste. ao vulcão me guiaste.

queda feroz entregaste veloz sem intento confiaste
vieste pelas asas do intento, do pleno iniciaste inteiro
a queda, a brasa iniciaste.

risos joviais amparavam minhas pousadas coxas
as minhas doces pausadas em tuas mãos, repousadas
ali, despropositadas, esperando exactas, ali
pois que exacta nasci, ali, ao ritmo do meu passar.
roçavam, joviais também, os doces seios roçavam
fumos da carne mestiça. era a aragem a sufocar,
de vez, espelhos de cauda, espelhos mudos de cauda
que eu teimara na bagagem,
pesar, bagagem pesada
pesar dos espelhos, vi.

arte laboriosa, essa, governar o misterioso
ofício do desgoverno da pedra em carne mestiça
prova feroz da ferida ferida toda em descida
brasa – digo: em carne, o osso –

não vi o tormento da pedra, faces joviais na aspereza
certeza rasa dureza, àspera pedra em tormento
a pedra, a queda aliviaste.
a queda, a brasa iniciaste.
não. não vi as rochas, então.
isso. a parca versão, pobre prosa da vertigem
mísera, vil extracção da aguada forma das formas
parca versão cobiçosa
sevícia a seco, vil prosa:
a lava em museus adiada.

Já vejo o quanto os espelhos servem ao consentimento do engano

já vejo, enfim, pois os espelhos mudos estão embaciados
(para isso se inventaram e desembaciámos os espelhos)
já vejo. urge-me o olhar. ergo-me a olhar de frente.
já herdo. por mãos de ofício, herdo a poderosa terra,
a rude côdea amassada por mãos de ofício lavrada
nessa laboriosa arte do desgoverno da carne
por mãos de oferecimento no ofício do momento
já herdo a carne mestiça.

Rude?

rude
côdea divina, exemplar.
diva
rude e sinuosa, angulosa.
(A imagem reflectida distorce a forma que vibra.)

Diva?...

o impossível da obra faz-se no rude passar.

Divina?

resguardo a resposta. (para isso guardamos os espelhos)

Como assim?...

(devem-se ao caminhador as verdades do caminho.)

posso, da prova em ferida, da agonia da vertigem
da descida em agonia – meia verdade do caminho –
enunciar um lastro quente, um feroz halo fogoso
vermelho do osso negro, agora, em combustão lenta,
traçar o vinco da unha na aguada lava em vulcão.
posso mais. posso rarear esta dose ou esta falta
de oxigénio raro de ar e, intoxicadamente,
esta falta instigar onde só o enxofre alimenta
o limite advogar. o limite oficiar, Ditar.
posso, mesmo, indiciar o relevo obsceno, luzente,

leque rude, divino, relevo do flamejante,
relevo rude da côdea exemplar. o milenar
impossível da obra: diva toda em carne e osso –
por isso nos guardaram (tu guardaste?) os espelhos.
já que sei agora, enfim, para que servem os espelhos
servem ao consentimento do pesar e do engano
da imagem reflectida, da mensagem recebida
servem, distorcem a forma à viva forma que vibra
– para isso desembaciamos (tu desembaciaste?) os espelhos –
já que herdei a resposta posso resguardar o olhar
(digo: libertar em gesto, em voz e em encantamento)
e oficio o desgoverno da pedra em carne mestiça:
recordo que a voz da inveja baralha o não e o sim,
cobiça memória e paz de quem conquista e sorri.
recuso a sevícia a seco perpetrada, um dia, à mão.
renego o crime da carne: dizê-la vil, solidão.
rebelo-me em matriz fêmea, casa da força onde estou.
rebato o não sentimento, brecha no uno que sou.
retomo o rumo sem prosa, pois que exacta eu me nasci.
resguardo olhares, respostas, lábios onde a vida dou.
revelo a vã liberdade em avisos de contenção
pois que exacta eu me nasci e o pesar, em espelhos, vi.
confirmo-me: em coxas doces, obra impossível sem pão
– em carne, o osso – loucura da forma que também Sou
– em carne e osso, já Sou o que não se pode espelhar:
a verdade do vulcão, ofício de oferecimento,
liberdade, lava viva da forma no caminhar.

[Coimbra, 1 e 7 a 11 Julho 2003]

2003. *A Artesã do Desengano*, pp. 12-18 | https://youtu.be/_WePdpZedtE?si=9xn9RYhvO-rRjb4b

---

definição do sal – conversação livre

estremece

com o momento, o movimento.

estremece, hesita e empalidece.

há emissários: ficam lívidos a ver,
a olhar a ínfima lágrima
que escorre.

tremeluzente, o estremecimento vence
(só aos mortos com coleira não alcança)
hesita-se o movimento – o bolor –
suspeita-se em arrependimento e
recorre a um mover silencioso
aparente, gritante bolor de gente.

estremece o bolor;
com o momento desaba.

lios dos fios em fractura exposta
(ir)resistem ao tempero do sal.

vi emissários. mas, sobretudo, fotomontagens:
o enquadramento do silicone não disfarça a miséria:
os sortidos de postiços são todo o doce na miséria.
qualquer anjo sabe: o desprazer é mortal;
o desfocar da miséria promove, a movimento, o bolor.

vi emissários.
mas minha é a assinatura.
caudilho, Não; nem rebordo ou ressentimento.
desmotivo ancestral, desrazão sagrada
sou
a coroa, a cara e a cunhagem:
«o que me apetecia era beber a tua boca»

qualquer anjo sabe que é, do todo, a mais-valia
vi emissários e panfletos panfleteiros.
ora, como esta é minha assinatura,
enquanto te moveres pelo deserto
não te cito nem alivio na agonia
do desterro. nem na morte.

só condescendo, para tua companhia,
no – ainda – segredo oculto de Pandora:
guarda-o, na caixinha que pediste
(condescendo em que guardes — vês a ironia?)
guarda, na caixinha que guardaste,
do tempero que te foi dado beijar
guarda, o puro sal:
que te resguarde a fala.
sendo ínfimo – assim a lágrima que escorre –
é grandioso, pois da onda emana.

O mar escolhe esmeradas formas de assomar
qualquer anjo sabe que qualquer onda nasce em mar
teus os panfletos. Teu, o deserto.
Como queiras.
Meu, só o mar
o pleno sal:
esta, que é a minha, assinatura.

[Praia da Tocha, 22-23 Julho 2003]

2003. *A Artesã do Desengano*, pp. 22-24|

---

fábula, anacrónica, do guarda-vestidos

sigiloso, guarda a gazua

convicto da opacidade
do guarda-vestidos rude que o transporta e encaminha.

caminha, por isso, lento
(leva dentro um urso raro)
passada certa e pesada, na poeira marca em passo
as pegadas da latrina que o sustentam, feito armário.

é de um armário acrílico que esse homem vê o mundo.
armário fingido em corpo, veículo oco – é este homem
por isso se sonha louco.

exímia transportadora com sucursais pelo globo
governa-lhe o desconsolo:
faz-lhe as chamadas locais,
nos internacionais voos reserva licores, sais, coberturas
de missanga
molduras apaladadas numas duas ou três coxas
em negro acolchoadas
mais o vinagre e o azeite
(pra simular algum gozo).

este veículo é oco. este veículo é um homem.

aos vários braços da rede transnacional, instantânea
vêm parar alguns cactos
formas medonhas atracam-se a outras, indesejadas,
encantadas pelo aparato ou pelo brilho forçado
(trata-se só do reflexo de luzes no tampo acrílico,
na gaveta pra caixinhas e no gavetão do meio).

este veículo tem lata no lugar onde, um pulsar
alegraria a passagem
– este veículo é um homem movido ao bater da lata.

sendo infernal mecanismo
o veículo tamanho não escapa à falha inaudita
embora oleado à mão e programado à distância,
embora, até, calculado pelo olho pós-moderno
vigiado pelo satélite, testado e reactualizado,
embora, mesmo, arejado no anti-vírus da quimera
não escapa – o veículo oco,
latrina fingida em corpo
acrílico guarda-vestidos –
o homem-armário sofre a sabotagem da guerrilha.
nos dias que passam (é sabido) que a lisura tecnológica
detecta qualquer intruso,
localiza o inimigo,
cirúrgica, age onde quer e
desarma com precisão
o código cifrado da emboscada inimiga.
mas, o infernal mecanismo,
o acrílico guarda-vestidos cujo dínamo é de lata
sofre o síndroma letal de depender da gazua.
devem ler-se as instruções (munidos de lupa atenta)
quando o sintoma da falha ameaçar o veículo:
trata-se de, num só gesto,
apertar o parafuso
que, a cada emoção breve, descai, deslaça e ameaça
a prevista marcação da lata, lugar da alma
é que, ao mínimo deslize, criadas são condições
para uma gotícula de ar se entranhar no mecanismo e
nessa ínfima fissura reside o medo do dito
– e quem diz ar, diz pulsação
quem diz pulsar, diz viver
quem diz vida, diz sabor
dádiva, em onda, de sal.
ora, o veículo oco – porque infernal mecanismo –

só sabe desencriptar o sintoma e o prejuízo.
move-se infeliz, o armário, tão infeliz! afinal
sofrendo síndroma tal, vive em dupla dependência:
da ferramenta – a gazua –
e ainda da artesania de um exclusivo perito
que evita contaminação e ferrugem ao mecanismo.
nos dias que passam (é sabido) que a lisura tecnológica
desbasta o trabalho artífice.
assim, o guarda-vestidos – este mesmo homem-armário –
sofre o síndroma, medroso e em dupla dependência:
da gazua-ferramenta
e da esmerada aprendiz que ainda segue o infeliz.
este veículo oco guarda a aprendiz, sigiloso,
convicto da opacidade.
contudo, basta atentar num gavetão, o do meio,
onde leva, receoso, a dedicada
aprendiz
zelosa artesã do engano.
dos direitos da patente consta, no regulamento,
ser, a inaudita falha, a hipótese poderosa
da libertação do bicho.
aplicam-se os alquimistas
em resgatar a patente à multinacional
no saber da alquimia, os buscadores da verdade
fundamentam a utopia
de instigar a gota de ar nesse estanque mecanismo
sabem ser a hipótese única de reanimar o veículo:
ao ritmo da pulsação
resgatar o sereno urso da gaveta das caixinhas
nos dias que passam (é sabido) que a lisura tecnológica
esgadanha o infinito
melhor sabem os alquimistas da verdade, os buscadores:
sabem do urso sereno, rude, só, na adversidade;
sabem que o medo e o desprezo são o reverso do desejo;

que o fôlego de qualquer verso é desejo do infinito
instiga o desejo do ar
– e quem diz ar, diz pulsação
quem diz pulsar, diz viver
quem diz vida, diz sabor
dádiva, em onda, de sal –
e sabem, do sal, o condão de enferrujar mecanismos
ocos armários acrílicos como este guarda-vestidos
deseja e sonha, infeliz.

por isso, só alquimistas podem amar os guarda-vestidos.

[Coimbra, Café santa Cruz, 25 Julho 2003]

2003. *A Artesã do Desengano*, pp. 25-29

---

nas tintas para o arquétipo

não pedir
não impedir
nem querer dar

não se licita, o Amor:
é (só) um estar.

[Coimbra, R. Bonfim, 22 Julho 2003]

2003. *A Artesã do Desengano*, p. 30 |

---

endereço electrónico

oamorapenasserveaduascoisas@paraamar.ouparadesamar.com

[Coimbra, R. do Bonfim, 23 Julho 2003]

2003. *A Artesã do Desengano*, p. 31 |

---

mnemónica platónica que nada tem a ver com a poesia

todos,

farsentos
ternurentos
sedentos
– mesmo os isentos –
somos
instrumentos

do Amor.

[Coimbra, R. Bonfim, 22 Julho 2003]

2003. *A Artesã do Desengano*, p. 32 |

2009. ***os lobos.*** Grácio editores |
https://livraria.ruigracio.com/produto/os-lobos-maria-toscano/

1.
cruel chaga
alimenta os lobos vivos.

tenaz centelha
alumiada da impermanência.

cruel ferida aberta circunscrita
ao trilho pelos passos construído.

pelos passos de lobo construídos

2.
vários trilhos pelos passos construídos fazem os lobos.

rasteiros
rente a desertos, à terra
domam o tacto à proximidade do solo. a passagem é ligeira no horizonte: matilha, mais que altiva, comprimida.

sisudos

solitários da montanha
são os olhos das pedras e do tempo inesperados vultos dorsos ocultos por raízes sarças e arbustos

guerreiros
os senhores da floresta
e do arco dos seus saltos em flecha guardam clareiras e matas sombrias claras entre garras dentes e o faro estridente.

vadios
são ladrões de quintais
e casas ciosas dos temperos.
lambem-se enquanto esperam para desfrutar e desfrutam quando são os menos esperados.

urbanos
os visitadores de lixos aprumam-se na arte do escutar
antes de se aproximarem com sacos antes de abençoar o esbanjamento.

poetas, há, lobos e lobas
os também mestres da natureza viva: de olhar doce toque cativante
escutam, cheiram e lambem os sabores todos para os verter na palavra. em mil sentidos.

https://youtu.be/P97VO_3S7YM?si=D2kQt-VfnoEwubwU

3.
alumiada da impermanência tenaz centelha
alimenta os lobos vivos.

à luz da sombra dos dias confundem-se com a baça multidão
— sombra cordata, sombria luz de gente
presta-se ao equívoco da ilusão — e os lobos passam
vagarosos agastados
com a vertigem tecnológica de Midas
amparam
fêmeas e crias esbugalhadas cruzam pontes e avenidas aceleradas

vagarosos, agastados porque vivos
lançam ali e aqui uivos de alerta
quase abafados por travões e buzinas
de gente
baça sem luz.
gente sombria.
vagarosos, porque vivos, páram
por vezes páram fundidos com o horizonte
de água em sal, ramas, poeira antiga
inúmeras solidões.
estes lobos serenos na inquietude são os reais lobos
sem estepe nem narrador que vão depondo a Alegria inconformada
pela cordata sombra baça dos dias.
a centelha os alimenta e guia
entre filas de espera pelo autocarro barco apinhado, comboios da sesta pelas escadas e ruelas onde, ao ranger, portas evocam brilhos de outros dias vivos.
com a luz tenaz que lhes dá a vida
avivam-nos a memória da impermanência quando simplesmente dormem no chão arrojados por infames cansaços.
se nos obrigam a contornar um passeio, abrandar, estacar o passo,
ou simplesmente
ao levarmos para casa um «Ciel de Paris»
mal-amanhado no eco do acordeão do metro.

poucos reconhecem tais lobos incomuns pois reais.

a centelha da vida os alumia.

por isso, os ignoramos ou tememos: à luz da sombra dos dias
o porte incomum, inteiro — descomunal — impõe a pausa
a paragem da engrenagem:
olhar e ver-se a olhar o real lobo tenaz.
com sua cruel chaga, de ferida aberta

os lobos fazem muitos trilhos
circunscritos à fronteira da impermanência

4.

mas é com a claridade da noite
que os lobos brilham.
Mais.
do que filas de árvores secas que ladeiam as ruas com falsas luzes.
mais do que montras de olheiras pesadas
desesperadas por clientes a que outras olheiras
se juntam, pesadas, de salto alto
pernas inchadas
por caminhar
sonhos.
mais do que jóias trancadas por persianas
metálicas, a cadeado.
mais do que *flashes* de *néon*
publicitados céus e paraísos
aqui na terra, só de alguns, poucos
(que são alguns entre os outros muitos
muitos).
mais do que o farol de Portugal na escarpa mais ocidental.

à luz da claridade da noite
soltam os olhos fixos e certeiros
de paciência, luzem
da comoção
alimento, conduto de lobos vivos.
vagarosos, porque lobos reais dos trilhos,
sabem-se, enfim, libertos de histórias
inventadas por quem ainda não conhece
os reais lobos. solitários, porque vivos.

têm matilhas de onde partem, esses lobos.

têm matilhas e pais e mães antigos
que, em seu tempo, também trilharam caminhos
para hoje estes vivos lobos filhos
serem a mais acesa mecha
da impermanência.
têm matilhas de onde partem e onde voltam
onde, um dia, voltarão inteiros, vivos
seguindo os sinais da cruel ferida aberta
chaga mantimento mapa.

a ferida ilesa que os encaminha.

à claridade da pura luz da noite
podem ver-se os lobos bem de perto
farejam vãos portados elevadores
cafés casas profanas e sagradas
marcam o círculo virtuoso da impermanência
de olhar ardente
compasso vagaroso.

ao contrário das histórias e cantigas
os reais lobos não atacam: só esperam
serodiamente, em sua calma real,
aguardam por alguém que páre e os fite
e fitando-os nos olhos se veja a olhar o tenaz lobo. real.
dos trilhos.
nessa ínfima partícula de tempo um arrepio suave enlaçará
a matilha em seus passos contida.
mesmo arrepio visitará, então, esse alguém:
parado, a fitar o lobo vivo
vagaroso
converte-se, assim,
à matilha da centelha circunscrita
à deriva, compasso da impermanência

que alumia e alimenta aos lobos-guia.
porque vivos.

5.

no trilho da impermanência, todos os lobos são trabalhadores.

artesãos dos certíssimos abrigos
de múltiplos ofícios saberes duros
vêmo-los
alto
debruando a guindastes
casas muros andaimes pontes escadas.
com o pigmento da mecha, do arco-íris
domam rostos coloridos de casas
domam lavas. abrigos.
pedras vizinhas.

mais abaixo
onde pisamos
estão
os artífices da espera tecedeira de estações.
num jogo de grão-a-grão
regam
botas bornais capuzes aventais
lenços chapéus luvas ou galochas
alçam,
magicamente alçam
o milagre da semente à raiz à baga
verdes
vagens de odor intenso.
cores-de-papoila. girassol.
espigas. sumo denso denso.
abrem planícies e florestas
circunscritas, abertas

à aparição viva dos lobos dos trilhos.
por dentro da terra-muita-muita-terra
onde se plantam as casas e se constroem esperas
entre túneis secos, húmidas cavernas
outros lobos caminham:
os buscadores do brilho.
de lascas disfarçados
fantasmas de pedras finas
irreconhecíveis — não fora a cruel ferida que consentem
em exibir
pois sabem, só eles, que o brilho
de inacessível
só se revela à ferida,
cintilar impermanente
em passos de buscadores
robustos lobos de trilhos.

os lobos trabalhadores (que são os senhores das rugas)
ao trabalhar seus caminhos acenam para o longe
onde cúmplices lobos sobre a terra mole acenam
cumprimentos mais morenos
de quem anda na colheita sobre as ondas circunscrita
eito fora
circunscrita à impermanência do mar.

é que todos os lobos trabalhadores da memória
de dorso forte ombro doce e mãos firmes
avançam
pela certeza da loba das suas noites
túmidos colos e lábios onde se acende a centelha
da mecha que alimenta lobos e lobas dos trilhos.

por sua causa florescem pelos caminhos outros mestres
aprendizes do destino.

solidários com as lobas e os lobos
eles próprios tenazes
oradores
os poetas da impermanência.
doce tocar, lavra penetrante, cioso abrangente olhar,
dedo-a-dedo nos musgos da irreverência desenham
a imprevisível escrita
casca e sabores da memória vertida na palavra em mil
sentidos.
vertida
a palavra
em mil sentidos
há-de um dia impor-se
pelos passos por lobos construídos.
diferentes, nem mais pujantes nem sábios
os poetas lobos fundem-se com a matilha
quando a centelha a vida os conduz e alumia
pela palavra. intimamente.
a tal trilho de lobos
urbanos rasteiros vadios sisudos guerreiros
— trabalhadores —
trilho de lobos e lobas agastados.
tenazes.
reais.
vivos.

6.

artesãos de abrigos. artífices da espera.
colectores das ondas. buscadores do brilho.
mestres da palavra, acha viva.
de mãos e ombros firmes, macerados
os reais lobos caminham pelo vértice
do centro

aceso na certeza
da vertigem que alumia
confiada
em certa noite à húmida loba terna.

enganam-se os que ainda crêem
que os húmidos colos e lábios se compram.

erra redondamente quem sobrevive
em histórias e cantigas inventadas
por terceiros falhos de vida.
e, os humildes, ignoram humildemente
a mentira onde arrogantes se embalam
cobiçosos da acha de ossos e das almas latejantes.

à semelhança dos firmes lobos fortes
as lobas tenazes da impermanência
— pois as lobas são lobas. reais. vivas.
ateiam a fronteira permanente da serena inquietude radical
ateiam a digna irreverência à lua sombria dos dias
digna irreverente universal
em uivos em ecos de acordeão
em luzernas de túneis
no metro
ou na brava comoção terna paciente
eterna.
à luz da claridade da noite.

nascidas dos lábios de uma rosa
baptizadas no perfume carmim
consigo vai para sempre a beleza
com que cuidam cruéis chagas abertas
refrescam revoltadas fogueiras
e animam as crias da matilha.

nascidas dos lábios de uma rosa
baptizadas na seiva da raiz
consigo, também, para sempre os espinhos.
as lobas resistem a aguçar
as fêmeas garras os espinhos e atentos dentes.
tão pacientes como laboriosas
contornam noites sem luar, dias de chumbo
cosem saias e solas de mil avessos
constroem ninhos ou tendas se as pontes cedem
cozinham caldos com pétalas da esperança
caminham em zigue e em zague se escorrem neves
cantam canções em troca de suspiros
entrançam as sombras escuras com as mais claras
pacientes.
evitam o aguçar de garras, dentes finos e fêmeos espinhos.
pacientes
não passivas
as reais lobas
aprendem os segredos porque os ensinam
habitadas pelo verbo não dorido
circunscrito à fronteira impermanente da serena inquie-
tude radical.

uma vez aprendidos os segredos
brilhantes
as lobas ensinam-nos assim:
— *«Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.»*

uma vez aprendidos tais segredos
em vez outra ensinam outros
cintilantes:
— *«Amor é fogo que arde sem se ver.»*

se, por sua vez estes, já estão sabidos

as incansáveis lobas
— comovidamente vivas
pacientes vagarosas reais —
ensinam os segredos flamejantes:
— *«Creio nos Anjos que andam pelo mundo.»*

desta vez já os tenazes lobos repousam
e as crias — incansáveis, pois reais —
questionam as certezas da impermanência
permitindo às sábias fêmeas, colos-guia,
continuar a ensinar para aprender
— *« Tudo vale a pena / se a alma não é pequena.»*

nos confins de tão infinita paciência
vigiam a confinados espinhos
espinhas
ácidas falas amargos gestos peitos
tristes
só enfrentados pelas lobas
sabiamente
em raros momentos de alarde ou esbanjamento.
com raros gestos duros e austeros
por suas mãos inscritos
circulares
convergem do desperdício para o centro.
construção perfeita impermanência.
os raros momentos de alarde ou esbanjamento
suspendem a jovem errância da matilha.
cautelosa, ao redor das lobas-guia,
silenciosa em zelo criativo
a matilha tece a harmonia do certo e intacto centro.

querem as lobas tal protagonismo?
não, não querem.

sabem as lobas que alarde
e esbanjamento
são ameaças.
são máscaras da ameaça à natureza.
e a natureza agradece
alimentada
pelo húmus
de lobas
candeia guia
vivas.

7.

«Não sei, querida filha, não sei
não sei que mundo será o vosso.»
sussurrava minha mãe quando nasci.
algo mais terá feito e dito. assim o creio
mas não me lembro, não me recordo já.

aliás, passaram-se até décadas de anos
até que soubesse que somos
vários
irmãos.

à época, governava salazar
provinciano tipo ditador e somítico.
decretava o medo, a honra da pobreza
proibia fartura beleza canto e riso
gestos ideais sonhos censurava gostos
mãos até.
até almas e.
o corpo
com o lápis minguado o terço o xaile o camuflado
e o desterro.

seco.
algo mais terão sabido e feito meus pais
para tresmalhar a família durante décadas
mudar ofícios nomes e apelidos
gravosos
só mais
muito mais tarde
recuperados.

somos várias gerações de descendentes
fazemos os trilhos a passo à mão a pulso.
habita-nos a tenaz identidade (...)
da livre matilha dos lobos vivos.
viva, trazemos a chama
circunscrita
ao real trilho da indignação.
ateamos a digna irreverência
universal certíssima e certeira
à sombria luz dos dias sem luar
à luz do tão claro mistério da noite.
vimos nos passos da brava comoção
paciente intenso compasso trazemos.
vimos pelo centro certo que alumia
irmãos lobos somos herdeiros vivos
os lobos-guia da impermanência indomável
aurora acesa clara amplíssima
ilesa
trazemos vimos fazemos caminhos. os trilhos.
somos os lobos. reais. vivos.
a liberdade.

venho oferecer-te o poema aguado e liso
povoado de horizontes de sul e sol
recheado de correntes vagas e ondas
alagado de parcimoniosos oceanos
no ir e vir do sal e das marés.
oceanos aquosos de heróis e piratas
hipnotizados por cabelos sorrisos
e os lábios carnudos de morango e azul
de encantadoras deusas e heroínas.

venho oferecer-te o poema mais platinado/
o mais gozoso poema da claridade/
entre os clarões fundadores da poesia./
ofereço-te uma inscrição no olhar/
um verso desenhado passo-a-passo, devagar/
irrequieto no andamento. delicado no estar./
insaciável no arco do desejo, no gesto de abarcar/
continuadamente constante, contínuo/
no ir e vir das marés de amor e sal/
esse oceano amoroso embutido de diamantes/
e letrinhas prateadas com que te entrego este poema/
hipnotizado pelos teus lábios carnudos/
de morango, cereja e horizontes de sol./
[Figueira da Foz. Emanha, 30 Maio / 2015]

2017a. porto de prata. Livro Primeiro. In Ciclo de Prata, p. 8 |
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 35

da impossibilidade da morte para as âncoras

1.

sabemos ambos da impossibilidade da morte para as âncoras.

nascem, as âncoras, de raras raízes esbeltas exigentes
e comprometidas com os astros rosa e esverdeados.
nascem, as âncoras, por entre o riso de crianças de alongados olhos suspeitos

olhos meigos e inquietos e abertos à cintilação da maré vagarosa dos dias.
nascem, as âncoras, de mãos inefáveis, de dedos inadiáveis
e, repare-se,
de cabelos lisos avermelhados ou acobreados pela espera
pela demora que leva esperar dentro de água
pela vaga rasa,
pela seca e evaporada linha de iodo, algas, azul e sal
que é o mesmo que dizer: esperar no fogo
que acende o amor.
sabemos ambos de seus caprichos. e quesitos.
esse mesmo é o segredo da nossa vaga
de iodo e algas
da nossa linha de doces sais
num horizonte onde ainda sobrevive esse beijo
inocente na hora azul.
pelos seres reservados e luminosos
«que se vão da lei da morte libertando».

2.
sabemos ambos da impossibilidade da morte para as âncoras.

com pés de barro crispado e dedos que apontam aos céus avançam —
encandeadas pelo brilho do sol-pôr, quando é o caso de haver sol
e, não havendo, sob a estaladiça aura da lua ou ao luar esplendente de brancos —
avançam, as âncoras, com uma discrição e candura improváveis de superar
mesmo pelas figuras de Gabriela L. ou pelos personagens míticos
do país de uma tal menina arrojada conhecida como alice
— avançam, as âncoras, ao ritmo ternário, ao ritmo do pousar arrastado
dos seus ganchos ou grampos ou ferros firmes na crosta de pedras e areia
e fundos do mais fundo do fundo do mar.
estrelas e cavalos marinhos circundam-nas.
líquenes e franjas coloridas de raros seres raros luminosos
deslizam ondeiam e oscilam à roda dos seus ganchos ou grampos ou ferros.
assim confirmam a mutabilidade dos viventes

a transitoriedade dos desejos e a intemporal sede do movimento.
as âncoras, discretas no seu peso fundido, deslizam avançam e permanecem
com os pés de barro crispado e os dedos a apontar aos céus,
encandeadas pelo brilho do sol-pôr, quando é o caso de haver sol, ou
sob a estaladiça aura da lua, ou sob o esplendente luar de brancos espelhismos.
assim o amor — como ambos sabemos — o amor e as âncoras
esses seres reservados e luminosos «*que se vão da lei da morte libertando».*

3.

por entre algas rochedos e asas fluorescentes
voar ao encontro da raiz do mundo.
buscar-lhe o pulso, o pulsar, o timbre
contornar os impulsos, atiçar o risco
e desaguar, liquidamente, à beira do melhor que há em ti.
por entre algas rochedos e asas exuberantes
alinhar os caracóis morenos e a franja revoltada
de vermelhos e brilhos ruidosos de luz
e encontrar, comovidamente, a vertigem de impossíveis em si
na demora no esperar dentro de água na vaga rasa,
na seca e evaporada linha de iodo, algas, azul e sal
que o mesmo é dizer: por dentro do fogo incendiar o amor sem fim.

4.

de raras raízes, as âncoras ensinam a esperar no fogo que acende o amor.

de cabelos lisos avermelhados ou acobreados pela espera
escoram a nossa linha de doces sais,
um horizonte onde ainda sobrevive
esse beijo inocente
na hora azul.
na seca e evaporada linha de iodo, algas, azul e sal
que o mesmo é dizer: por dentro do fogo, incendiar o fervor sem fim.

assim o amor — como ambos sabemos — o amor e as âncoras

esses seres reservados e luminosos *que se vão da lei da morte libertando*.

5.

do rodopio das ondas sabem as âncoras e as marés.
distintas e, mesmo, opostas, precisam umas das outras
umas não vivem não existem sem as outras.

às marés cumpre o movimento sedutor da evasiva,
tão cansativo ao cabo de certos tempos
quanto a parada fila de pedras num cais.
às âncoras cabe a dança fugidia e exigente desde a superfície,
frouxa,
até à sublime profundidade dos escuros fundos
surpreendentes nos corpos em movimento de cores e luz.

toda a gente sabe que as marés amam as âncoras desde sempre
— embora possam nunca o vir a saber ou nunca o admitir.

as marés são os únicos amores dedicados das âncoras
já que vogam entre a despedida e o regresso
habitam a subtil eternidade indo estando e sendo.
as âncoras — ah poucos conhecem a verdade desses sólidos
braços ligados a resistentes cabos sebosos
cabos e ferros e ganchos persistentes,
serenamente fortes ali, sempre, focados,
despertos e disponíveis para o rebentamento errático
como para o sossego ou a espiral da vaga
vertiginosa vaga repentina e voraz —
as âncoras, lembre-se, são as ferramentas mais infiéis
porque se treinam e habituam à incansável futilidade
das idas e vindas gratuitas, desgastantes boçais.
treinadas, só as sobreviventes ao rodopio devêm âncoras.
só as sobreviventes ao desgaste se assumem, fortes
firmemente erectas em cada gancho e cabo castanho

avermelhado pelos rubores da intimidade com o mar.

tal força e elegância torna as âncoras alvo de cobiça ou difamação
por parte das insatisfeitas marés.
até ao dia em que, por instantes,
o mar suspende a refega gratuita e para si mesmo declara
que só se habita de marés porque as âncoras o protegem do ar.

com as suas carícias entre o sal e as algas
as gotas e gotículas que se unem, resistentes
defendem o mar de evaporação e nuvens condensadas
gotículas e gotas que, enamoradas, permanecem ligadas
mesmo no roçar das areias
mesmo no embate com as rochas
mesmo na evaporação do ar.
âncoras e marés coexistem, milagrosas
unidas na tarefa amorosa de salvar o mar.

[Figueira da Foz. Casa do Caes, Agosto, Novembro / 2015. | Coimbra. Janeiro / 2016]

2017a. *porto de prata. Livro Primeiro*. In *Ciclo de Prata*, pp. 17-22 | https://youtu.be/DO4bvQM7Ig0 | https://triplov.com/revistaTriplov/da-impossibilidade-da-morte-para-as-ancoras/

Bendições

Bendita esta cavalgada de espumas.

Bendita esta amurada de águas.

Bendito o forte sabor do ar de iodo.

Bendito o azul espelhismo transparente.

Bendita a tua voz, ó maré alta!

Bendita a tua entroncada presença
de vibrações mágicas e sal, ó mar!

Bendito quem te visita e contempla.
Bendito quem te lavra e semeia.

Benditos, tu e eu e todos vós/
mirones comovidos da prata líquida,
desta costa de pratas e áureos amores.

[Figueira da Foz. 20 Abril /2015]

2017b. mar de prata. Livro Segundo. In Ciclo de Prata, Palimage, p. 41 |https://youtube.com/shorts/0HA2zI_6BRg?feature=share
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 37

dos guindastes, esses actos amorosos [selecção]

"O auto-conhecimento é filho de actos amorosos", Helena Blavatsky.

1.
por mais que mude a direcção do olhar
é sempre da imensidão do azul — o horizonte.
os braços robustos de aço e metais coloridos estão em pausa,
repousam também eles da carga pesada para que foram construídos.

o destino é essa massa criativa por onde nos vamos encontrando e desencontrando, amor meu.

os braços robustos estão, em pausa.
indicam o azul de cima. emergem do azul de baixo. há um
ponto no horizonte ou na perspectiva onde os azuis devêm
apenas um.
são apenas um os dois azuis que o nosso limitado olhar
alcança.
por isso é que, por mais que mude a posição de rosto ou a direcção do olhar
é sempre azul e imenso o profundo horizonte.

amo-te, amor, com todos esses limites da visão e do olhar.
quando alcançar a perfeição não teremos mais este laço,
meu amor, pois já seremos só um,
meu amor iluminado quando ri, alucinado quando sofre,

sempre infante e fugaz como a fragilidade faz.

o destino é essa linha a tracejado que vamos corrigindo ou renegando ao respirar.
o ritmo da respiração e a abertura de ar e luz são os utensílios do destino.

caminho ao ritmo da ilusão consciente, pois sinto a tua mão na minha, fulminante.
caminho ao som da balada interior, pois oiço o teu encanto em cada urro silenciado
marcado na ruga e no rasgo espantado de teus olhos, às vezes, meu amor.

amo-te, amor, com todos estes sinais de loucura e encantamento figurativo e realista.

o amor é, por definição impossível, a alma do utensílio que é a realidade,
digo, da plena utopia que alaga o presente a devir magma.

o amor é a alma do magma, a acha do vulcão.
e tudo o mais? é, amor, pura ficção.

2.
agora, os braços trabalham em turnos durante noite e dia, /
para encher os depósitos de mel ou os cargueiros de sal ou os
contentores de cargas que só os guindastes elevam.

os guindastes fizeram-se para erguer tudo o que os humanos não suportam: /
aros de aço, tampas de metal fundido, escadas de betão,
litros de combustíveis líquidos ou de todos os leites de todas as cores / escorrendo
de frutos redondos como as uvas os seios ou as conchas / ou as barrigas doces
em cascos de nogueira também conhecidas por barris pipas e tonéis /
tudo isto que os humanos não aguentam às costas aos ombros, /
tudo isto e muito mais como sejam cargas impalpáveis e invisíveis /
a saber: pesadas ideias de culpa, invenções de pecado,
sentimentos de tristeza ou impotência,
ideias de desistência ou abandono,
corações fraquejando na batida, na corrida ao sangue,
mãos tremendo de dor saudade ou medo,

olhos aguados de todos os sais sisudos,
lábios molhados pelo húmus da distância e da hesitação,
colos ciosos e ocos de futuro e aconchego /
pois os guindastes fizeram-se para elevar tudo isto e muito mais /
matérias materiais e elementos
que os humanos não aguentam às costas,
nem nos rins nem aos ombros e nem sequer
na memória lembrança ou na imaginação /
motivos, agora, para os turnos de braços em toda a noite e em todo o dia /
para encher depósitos de mel cargueiros de sal ou contentores de pesadíssimas
cargas que só os guindastes suportam /
que só os guindastes aguentam, elevam, transportam e mudam, de vez, de lugar;
(...)

[Figueira da Foz. Casa 'do Caes'. 6 e 16 de Setembro/2015]

2017c. mãos de prata. Livro Terceiro. In Ciclo de Prata, pp. 53-57 |
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... pp.42-45

---

há uma névoa a ligar teu pulso a meus dedos a unir meus dedos a teu pulso a juntar esta mão, até há pouco minha, a essa mão, até há pouco tua.
há um raso laivo a maresia, uma brisa ou bruma cálida, vagabundeando pelo verão, anunciando a lua cheia e o fulgor da brasa do sol, digo, dos sóis que são nossos corações, abrasados de mel.
porque há uma chuva de mel, uma rasa maré dourada, digo, de prata dourada, pois se todo o sal aqui se converte à prata, mais nenhum outro travo sobrevive sem o mel, o teu mel, o meu mel, o mel, esse, que até há pouco era pobre e tristonho, de tão só.
porque a lua nova me aconchega.
porque a lua nova te resguarda.
há uma memória única e nova - disse, memória nova, pois tudo o que sei e recordo nada é comparado com o lume e o raspar da dança de nossos dedos, até aqui meus, até aqui, teus.

porque a lua é nova eu nasço.

há um perfume, apenas um perfume eivado de energia
e vibração.
podia fechar os olhos e reconheceria o teu doce enlace com ar com oxigénio entre as polpas dos nossos dedos.

há uma descoberta, um sentimento de alerta e curiosidade intensas, um misto de distância objectiva e fusão irracional sem travão. há um gesto a descompor o gesto prisioneiro dos dias.

pode morrer todo o movimento.
deste luar — deste tocar —
nunca mais serei desprovida.

[Figueira da Foz. Casa do Caes. 18-19 Junho /2015]

2017d. mel de prata. Livro Quarto. In Ciclo de Prata, pp. 85-86 |
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 47

Escrevo, finalmente, com mão de luz.

Escrevo, finalmente, com pé de areia,
passada de algas e fartas espumas.

Escrevo, finalmente, cega pelo sol
ou amor - que é o mesmo astro.

Escrevo, finalmente, ensandecida
pela vertigem de ondas e marés.

Afinal, e por fim, escrevo escrevo
e inscrevo-me no aqui do sim.

[Figueira da Foz. 20 Abril / 2015]

2017e. *sal de prata. Livro Quinto*. In *Ciclo de Prata*, p. 87 |

Metáfora da prata

a difícil relação entre as matérias faz duvidar da coesão ou rejeição das mesmas.

há uma certa margem, uma margem certa, aonde rebentam formas redondas para devirem lisas, de lisura horizontal coberta por finíssimas areias de renda amadas ao vento.

há. certa espuma despojada pelas bainhas do oceano deste sal de prata.

as gentes continuamente voltam para comungar de horizontes e iodo
para habitarem de esperança a utopia indomável.
e é da difícil relação entre as matérias que nasce a fusão em laço
esse encantamento impensável e nada oportuno
de que se lhe sabe o nome amar

[Figueira da Foz. Casa do Caes, 5 Maio / 2015]

2017e. *sal de prata. Livro Quinto*. In *Ciclo de Prata*, p. 90 |

o exercício de libertar

o exercício de libertar
é de fina dificuldade e estável desequilíbrio
é de forte exigência e equilíbrio instável.

o exercício de libertar começa-se pelo começo
o início embaraçado da meada que não é um modo de organizar a vida
mas apenas uma forma temporária de conter o emaranhado dos fios.

o exercício de libertar começa-se pelo começo
para dar-se-lhe continuidade e seguimento
nos gestos, redondos o mais possível;
nos actos, de alerta o mais constante
mente, nos modos de erguer tamanho e ganhar corpo.
o exercício de libertar começa-se.
muito. e tarda na conclusão.

o exercício de libertar é um silogismo
em que a erva verde é alucinógena
e a vaca é vegetariana a preto e branco.

o exercício de libertar é a dialéctica

antitética na saída e sintética à chegada
devido à timidez de grandes eventos e multidões.

o exercício de libertar é anti-social
dados os mediáticos modelos corruptores e de rapina
e os aparentemente diáfanos como a forca.

o exercício de libertar é mal-visto,
socialmente evitado adiado e indesejado
por não ser falsificável nos termos de Karl Popper.

o exercício do libertar é lento.
começa-se, sempre, por dentro.
e tarda na mente e no coração.

[Figueira da Foz. Casa do Caes, 1-2 de Maio /2015]

2017e. *sal de prata. Livro Quinto*. In *Ciclo de Prata*, pp. 93 |

da redenção pelo sal

"existo eu / suspensa de mundos cintilantes pelas veias
metade fêmea metade mar como as sereias." Natália Correia

para os dias em que a morte altiva se intromete entre as coisas
dos viventes
reserva de silêncio ternurento,
alguma lágrima temperada de sal branco e mel dourado
trago.

para os dias em que o desconsolo provoca a coluna vertebral
dos lutadores
carinhos de antes
de hoje de ontem e de antes de tudo
tenho.

para os dias em que a coragem quase rasteja

o olhar se apequena e a voz enrouquece sem frio nem ventos
causais
um ombro cálido e sensível, como sensíveis as mãos e os dedos de décadas
resistentes na ternura na dádiva e na doce comoção
guardo.
uma palavra intocada transparente e vestal
trago tenho e guardo entre os lábios
carnudos de todo o amor que sei
pois nunca vi nem senti esse tão tristonho e arrasador modo
menor
de esventrar a alegria e de adiar saborear a verdade a luz.
renego a sombra gratuita que nenhum raio alcançará nem
vislumbra poisar.
recuso o *doble-face* dos empurrões e das quedas
desgraçadamente vãs.

trago tenho e guardo uma palavra, nem sei bem o seu nome mas é ela
a mais luminosa e extremosa carícia infanta e duradoura.
dou-ta. ainda. pois ainda persisto no vão da subida,
onde todos encaram a escada atroz da desilusão.

percorro o corrimão adivinho degraus e patamares da veloz queda.
permanecer é acto inusitado, bem sei; mas assim sucede.

tudo isso e mais uma onda de maré azul anilada existe.
tudo isso existe. e uma vertigem agoniada que tem de ser chorada.

tudo isso e uma mágoa sem perdão que tem de ser coada, existe.

E existo eu suspensa de mundos cintilantes pelas veias
metade fêmea metade mar como as sereias.

tudo isso existe no caminho do sal
e há-de servir à redenção. em nome do amor.

[Figueira da Foz. Casa do Caes, 21 Janeiro /2016]

2017e. *sal de prata. Livro Quinto*. In *Ciclo de Prata*, pp. 100-101 |

a morte do sal [selecção]

"Que rompam as águas / é de um corpo que falo. (...)". Eugénio de Andrade

1.

a redenção da vida exige longos caudais de água doce.

(...)

5.

a salvação da vida está nas gotinhas de água doce
irmanadas nos ribeiros e rios do planeta.

ao contrário do que se pensa
por mais fortes e atractivas,
as marés dos mares destinam-se a receber o desaguar dos rios.

a continuada dedicação das águas doces
consagra a redenção da vida.

6.

toda a foz é foz de rios.

nenhum oceano tem direito a foz.

na morte do sal
toda a foz consagra a vida.

7.

que morra o sal! — é desde as asas que falo.

[Figueira da Foz. Casa do Caes. 7-9 Fevereiro /2016]

2017e. sal de prata. Livro Quinto. In Ciclo de Prata, pp. 103-105 |
Traduzido in 2019. digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia... p. 49

2019. ***digna irreverência, brava comoção. 22 anos, 22 poemas / digna irreverencia, aguerrida conmoción. 22 años, 22 poemas.*** Edições Labirinto. Antologia pessoal bilingue relativa aos 22 anos de carreira literária.
Tradução: Jacqueline Alencar. Preâmbulo: Leocádia Regalo |
Optou-se por apenas publicar isolado o único poema inédito à data desta antologia bilingue, pp. 76-77. Nos outros textos,

traduzidos por Jacqueline Alencart, que constam ao longo desta antologia, remete-se para esta obra imediatamente a seguir ao texto em português, na respectiva obra da sua primeira edição em português | https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?2060045

Penélope

fico por casa.
tenho de limpar o pó às ideias velhas.
algumas gavetas de pormenores por esclarecer.
a prateleira central da comoção
tem bastante espaço ainda por ocupar:
tenho de decidir o que lá fica / e o que estou disposta a conter.
fico por casa porque há um friso de névoas
que não se desvanece com o aspira-dor
pois as dores visíveis são enganosas
habituam-se a lidar com o espelho
desafiam as *selfies* do dia-a-dia
incriminam passos inocentes
para resguardar o que move e importa
a este lar do puro deslumbramento
onde todos nos acolhemos no Outono.
fico por casa temerária dos espirros
e das tosses sinalizadoras da fraca
resistência do peito, deste meu peito
tão forte de ressonâncias e ritmos
como prenho de saudades e memórias.
fico por casa, meu querido amor querido.
espreitarei à varanda o pôr-do-sol
virei esperar à janela, com as cadelas
o teu regresso dessa diáspora, meu ulisses
vagueando entre o temor e o valor
mais nobre que alguém algum dia honrará.
fico por casa ansiando a maré
do teu corpo, esperado encontro de chama
com a chama que bem resguardo e acalento
mesmo que os teus passos marinheiros

desconheçam ou desconfiem: mesteres
difíceis da viagem humana
ficarmos, por vezes, presos a uma imagem
uma representação que nos querem conferir
mas não nos cabe nem caracteriza ou contenta.
fico por casa sem tocar mais na colcha / porque quero ser co-criadora do mundo
e neste mundo aqui e agora quero o regresso
do meu herói de carne, osso e lava viva
independentemente da cor dos caracóis
e sem que nada mais importe do que a vida
que nos tem agastado e afastado por marés
de consolo e desconsolo; exauridos.
fico por casa. tomo aos ombros a sagrada colcha
abotoo o corpete de luz e alegrias
aceito a força imensa da brisa salgada
que se te adianta sempre quando vens.
fico por casa onde estremeço, renascida:
e despudoradamente tua enquanto viva.

[Porto. Casa da Voz. 5-6 Outubro / 2017]

2022. ***Sonetos, Sonethos, Sonactus*.** Exercícios em torno de 43 sonetos. Coimbra, Grácio Ed. |
Integra o conjunto das 3 obras da edição comemorativa de 25 anos de criação literária da autora
https://livraria.ruigracio.com/produto/sonetos-sonethos-sonactus-edicao-comemorativa-de-25-anos-de-criacao-literaria-exercicios-em-torno-de-45/

soneto dos velhos tempos presentes

o que cansa é essa ausência de lumes
essa atordoada maneira de inspirar
e expirar como um autómato dotado
de memórias plásticas, alheias.

o que cansa é o esvaziar das almas
a par da força da submissão
ante o sucesso do coice avaro,
do sufoco, do resfolegar

o que cansa é sentir o cansaço

e a frustração deste enganado povo
suspenso no mito da redenção

externa, corrupta e induzida
por servidões, burlas e favorzinhos:
o engodo da milionária fama. vã.

[Comboio suburbano F Foz-Coimbra. 20 de Maio / 2015]

---

soneto do azeite

é como o azeite, tempero a retemperar
pratos e ingredientes sensaborões
conduto e o clássico acompanhamento
entradas sopa e, mesmo, petiscos.

é como azeite, gordura natural
eivada de mais ou menos acidez
embora nem sempre esperada nem bem-vinda
e temida, sobretudo, se excessiva.

sempre mais desejada quando em segredo,
é como o azeite — pano onde cai, marca!
inconfundível com imitações ou farsas

é insubstituível por óleos e margarinas:
como o azeite, estranha-se a sua ausência
e, se presente, é incontornável — a verdade.

[Coimbra, 14 e 20 Setembro / 2013]

---

entre o meu tu e o teu eu...

entre o meu tu e o teu eu sente meus seios
adiantam-se as minhas generosas ancas
avultadas, a coragem e a partilha
também assumem interstícios risíveis

já que entre o teu tu e o meu eu já nada cabe
por nenhum ser o espaço vital descuidado.
mas, tratando-se de um testemunho poético,
posso inventar alguns gestos atrevidos

a imaginada valsa que me oferecerás um dia
o desejado tango que, um dia, te roçarei
mais as rotações sambadas as a *rolling song*

mais as emoções roladas as a *rolling stone*.
na quadratura do círculo, fórmula nossa,
entre o eu e o tu onde sobrevive o nós.
[Coimbra, (C)Asa Verde, 28-29 Abril / 2012]

auto-soneto

sobrancelhas de pessoa /
mãos de trabalho, lábios de poeta /
ombros de incertezas e certezas /
rostos de descoberta

uma voz da terra que ressoa /
uma unha urbana, incerta /
uma boa fala crua; outra boa /
e outra mão inútil e aberta /

costas de fogo ou de sangue frio /
humildade plena no rancor /
e um coração rubro escancarado: /

olhos postos no fluir do rio /
escorrem-me águas de sais e amor /
pelos doces seios habitados. /
[Lisboa, Janeiro / 1988]

Restolhos

4.

cuidemo-nos enquanto o fio da vida
segue inteiriço sem desfiar nem partir
– também os olhos das gazelas se entusiasmam com
o sereno rebordo da lagoa
em pleno estio em plena selva em plena vida.

cuidemo-nos
como só o tronco sabe
segurando sustendo enraizando
– assim os voos das gaivotas se espraiam confiantes
do poiso liso no retorno
em pleno inverno em pleno mar em plena vida.

cuidemo-nos
sejamos o colo desejado
de amante cuidador 'desejante'.
– todas as savanas, todos os oceanos ensinam
os mistérios guardados sanadores
ao centro em pleno Sol no pleno Sul
em pleno dia em plena noite em plena vida.

curemo-nos.
cuidemo-nos.
demo-nos.

https://youtu.be/fuPmQlWcsGs